

OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	36800	18900	6950	5120
Possessões ultramarinas, (idem).....	46000	23000	-3-	-5-
Estrangeiro (união geral dos correios).	56000	28500	-5-	-5-
Brazil (moeda fraca).....	156000	78500	-5-	-5-

4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 81

21 DE MARÇO 1881

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — Herminia Borghi-Mamo, FILIPPE DO AMARAL — As nossas gravuras — O Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro e o tri-centenario de Camões, G. L. — Congressos Anthropologico e Literario, Trabalhos dos Congressos, R. — Notas Soltas, Fr. Francisco de Jesus Christo, JACINTHO PERES — Apontamentos para a vida do Diabo, DELFIM D'ALMEIDA — Actualidades Scientificas, Manometro Electrico por Emilio Dias, F. BENEVIDES — Publicações.

GRAVURAS. — Herminia Borghi-Mamo — Real Theatro de S. Carlos, Mephistopheles, O Jardim de Martha, acto 2.º, quadro 4.º, O Sabbath, acto 2.º, quadro 5.º — Ilha de S. Miguel, Vista geral de Ponta Delgada — Medalha commemorativa do tri-centenario de Camões, gravada por Mollarinho — Manometro Electrico de Emilio Dias — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Realmente ha n'este mundo em que vivemos coisas muito extraordinarias, muito inverosimeis, muito esquisitas, que ninguem, nem Daniel, nem o Bandarra, nem o sr. Barros e Cunha, mesmo, seriam capazes de prever, apesar de toda a intensidade do seu senso prophetic.

Ora quem havia de dizer ha quinze dias, que Lisboa, esta cidade escondida no cantinho occi-

dental da peninsula, apertada entre o caneiro d'Alcantara e o alto de S. João, seria a cidade da Europa onde mais directa e immediatamente se sentissem os efeitos da bomba explosiva, que os nihilistas disfarçados em varredores, atiraram á carroagem do Czar de todas as Russias á entrada da rua dos Milhões?

Ninguem o diria, decerto, e entre tanto foi assim.

Nós, que nunca vimos na nossa vida, e temos a doce esperanza de nunca ver depois de mortos, o grande Czar, nós, que nunca tivemos relações com nihilista algum, a não ser com os nihilistas ineditos do sr. Gomes Leal,

nós fomos vivamente affectados nos nossos interesses pela morte do imperador da Russia.

É exquisito, muito exquisito.

Um dos estilhaços da bomba que arrebentou na praça Miguel — uma praça terrivel para os imperadores da Russia, porque foi n'ella tambem que mataram Paulo I — chegou ao nosso pacato Rocio, e ao passo que o Czar era tirado em braços da carroagem, pelos seus ajudantes, para nunca mais passear pelas ruas de S. Petersburgo, Rubinstein era arrancado do seu piano de Erard, por uma ordem da embaixada, para nunca mais tocar no theatro de D. Maria.

E para isto restituiu o Czar Alexandre durante tanto tempo ao punhal, á pistola, ao veneno, á dynamite dos nihilistas russos!

Podia ter morrido ha dois mezes, podia morrer d'aqui a quinze dias, a sua morte teria simplesmente feito apparecer á luz do gaz de S. Carlos as *toilettes* pretas da cõrte, e á luz da imprensa, a erudição historica dos redactores de revista estrangeira; morreu agora, e a sua morte veio causar profunda sensação na Lisboa que *s'amuse* e fazer nascer saudades irre-

REAL THEATRO DE S. CARLOS



HERMINIA BORGI-MAMO

(Segundo uma photographia de Pilon)

mediáveis e invejas inúteis. Ah! que se Lisboa soubesse que tinha só uma noite para ouvir Rubinstein outro gallo cantaria! Como o sr. Amann poderia ter elevado ao triplo os preços que elevou ao dobro, e como toda a gente disputaria de bolsa em riste um bilhete, fazendo á porta do sr. Sasseti um tumulto digno de hobrear com a celebre revolta do vinagre.

Mas Lisboa não soube, e houve muito quem se guardasse para a segunda noite, para ouvir a opinião de quem lá fôra, duvidando já um pouco d'essas notabilidades que o sr. Amann vae descobrir, não acreditando que ainda podesse haver mais celebridades por esse mundo de Christo.

— Pois fez muito mal quem lá não foi. O sr. Amann ainda não esgotou a lista dos primeiros do mundo. Pelo contrario, Rubinstein é o primeiro do mundo em duas coisas, ao piano e ao espelho.

Não se contenta em ser o melhor pianista da Europa, é tambem o homem mais feio do mundo inteiro.

Os seus inimigos só se atrevem a dizer que Liszt é mais notavel, os seus amigos mal ousam affirmar que o Deos dos Zulus é mais feio.

Não acreditamos nem uns nem outros.

Crêmos impossivel exceder Rubinstein na perfeição com que toca e na correção com que é horrendo.

Quando a porta do salão armado no palco de D. Maria se abriu — o salão da duqueza de Septmonds — e Rubinstein entrou houve em toda a sala um fremito de terror só comparavel ao fremito de enthusiasmo, que agitou o publico quando o célebre moscovita deixou cair as suas grandes mãos negras de mudo d'Alcantara sobre o teclado do piano d'Erard.

E nós ouvimos-o assombrados, maravilhados, e lembrámo-nos da Essipoff, lembrámo-nos dos seus braços brancos, formosos, dos seus hombros nus e então sentimos um grande movimento de gratidão pelo sr. Amann, que não consentiu em que o sr. Rubinstein viesse tambem decotado.

E elle tocou a correr, sem intervallos, sem se importar com os applausos, tocou Beethoven, e logo a seguir Mozart, e immediatamente depois Mendelsshon, e Schuman, e Chopin, com uma correção desesperadora, com uma profunda comprehensão dos varios estylos, e tocou desenove peças de musica diferentes com a facilidade machinal com que o sr. Macario, toca cinco mazurkas, oito contradanças, dez valsas e cinco cotillons.

E tudo aquillo foi tão depressa que ás dez horas e meia estava o espectáculo acabado, e se não fosse a milagrosa revolução do vinagre o publico ficaria sem saber como acabar o resto da noite.

— No dia immediato quando o enthusiasmo se espalhava por toda a cidade e os bilhetes para o segundo concerto desapareciam do camaroteiro, umas tiras pregadas sobre os cartazes annunciavam, que Rubinstein fôra obrigado a partir a toda a pressa de Lisboa, para ir tomar parte nas exequias do imperador da Russia, de quem era mestre de capella.

E aqui teem como a bomba dos nihilistas veio prejudicar o publico e o sr. Amann.

— Sobre tudo o sr. Amann porque o publico tem agora occasião de se desferrar. Não ouviu Rubinstein, mas tem ali á mão outro pianista notavel, o sr. Oscar Pfeiffer, que qualquer d'estas noites vae apresentar em S. Carlos um magnifico piano americano de concertos, e ao mesmo tempo um bello concertista, porque o sr. Pfeiffer é realmente um pianista distinctissimo, e se não é tão célebre como Rubinstein deve-se-lhe agradecer o não ser tambem tão feio.

— Felizmente Lisboa descançou um pouco mais dos meetings. N'um d'esses dias, em que quando se viam tres pessoas juntas havia todo o direito de julgar que d'ali saía uma representação a El-Rei, os soldados da municipal legitimamente desconfiados viram atravessar as ruas da cidade grupos e grupos de

rapazes, formando um cortejo numeroso, enorme, calado.

Julgar-se-hia que aquelle cortejo ia levar uma moção á camara. Pois não, ia levar um cadaver ao cemiterio:

Era o cadaver d'uma suicida, d'uma pobre rapariga que tinha apenas vinte e oito annos, mas que representava pela sua intelligencia, pela sua actividade, pela sua força de vontade, energica uma verdadeira excepção na sociedade portugueza.

Aquelles rapazes levavam á sepultura, tristemente, cheios de commoção e de saudades uma sua collega.

A morta era realmente uma *estudanta*, que depois de dados os primeiros passos difficeis, depois de ter rompido com as convenções lisboetas, de se ter sentado nos bancos dos lyceus, de ter estudado a mathematica, o latim, a rhetorica, teve um momento de desalento terrivel e poz ponto final nos seus estudos e na sua vida com a bala d'um revolver.

Chamava-se Maria Clara da Silva Guimarães, essa arrojada rapariga que teve a coragem desusada de procurar na sciencia um modo de vida.

Era de l'homar; seus paes pobrissimos: ella muito intelligente, possuida d'uma grande vontade de saber, de ter uma vida util, procurou encaminhar todos os seus estudos para um certo e determinado fim, para a carreira de pharmaceutica.

Teve que lutar contra a rotina, contra a troça e contra a pobreza, luctou, luctou, e agora quando se lhe abriam as portas da escola medica para estudar, por uma terrivel allucinação entrou n'ellas para ser estudada: em vez de lhe dar uma alumna para as lições deu-lhe um cadaver para a autopsia.

Os seus collegas, que tinham por ella uma amisade fraterna, que estimavam aquelle bello character franco e respeitavam aquelle energica vontade firme, acompanharam com as lagrimas nos olhos o cadaver da boa companheira e prestaram-lhe todas as ultimas homenagens com uma dôr sentida e um talento eloquente. Bem hajam!

— O theatro de S. Carlos deu a sua ultima opera. Agora acabaram as novidades até d'aqui a sete mezes a não ser um acto do *Otello* no beneficio da sr.^a Borghi-Mamo, beneficio que no fim de contas não é beneficio senão da empresa.

A ultima novidade foi perfeitamente nova: o *Hamlet*, uma opera que Lisboa nunca tinha ouvido, e que a empresa deu ao publico, como contrapeso ao *Mephistopheles*, porque não tinha nenhuma obrigação de dar duas operas novas n'um anno.

Esta generosidade fez bem á empresa porque o *Hamlet*, dá-lhe agora no fim da epocha uma enchente que peça alguma velha lhe daria.

O *Hamlet* é de Ambrosio Thomaz: o poema esmaga quasi sempre a partitura, onde abundam as qualidades e os defeitos do notavel maestro francez, sendo o seu principal defeito *manquer* completamente o assumpto.

Isoladamente ha no *Hamlet* trechos lindissimos, alguns muito individuaes, que apparecem em todas as obras do maestro.

O quarto acto é o melhor acto da opera; isto é, não é um acto, é uma scena apenas, a scena da loucura d'Ophelia uma scena encantadora em que ha phrases muito felizes e que enthusiasmam o publico.

Ophelia foi a sr.^a Vitali e dizemos bem, Ophelia foi muito mais Vitali que a sr.^a Vitali foi Ophelia.

Como cantora teve algumas cousas realmente boas na opera, especialm-nte n'esse quarto acto, como actriz não se importou inteiramente nada com o character estranho, mysterioso, delicadissimo d'essa suave criação Shakspeareana, e representou Ophelia como teem representado a *Dinorah*, a *Traviata*, a *Lucia*, a *Linda*.

O sr. Pandolphini, estava visivelmente incommodado. Era a primeira vez que cantava o *Hamlet*, que se mettia dentro da pelle d'esse personagem enigmatico tão discutido, e tão differentemente interpretado. O notavel artista

ainda assim teve scenas que fez muito bem e phrases ditas esplendidamente.

Entretanto no desempenho mediocre que em geral teve o *Hamlet*, houve da parte de alguns artistas, um pensamento muito mimoso, muito delicado, e a que todos devemos ser gratos, o de não deixar saudades, agora, n'este mez que vem, em que se fecham as portas de S. Carlos e não se abrem ainda as de fóra da terra.

Se o não conseguiram não foi por falta de vontade; faça-se-lhe esta justiça.

GERVASIO LOBATO.

HERMINIA BORCHI-MAMO

I

Na noite de 13 de fevereiro de 1858 o publico que enchia o Theatro dos Italianos em Paris, e que por volta das 10 horas acabava de assistir á representação do 2.^o acto do *Trovador* de Verdi, começava a impacientar-se de não ouvir a orchestra começar o 3.^o acto.

Depois de algum tempo começaram a circular os mais estranhos boatos e a fazer-se as mais descontraidas supposições:

— Seria por causa da Frezzolini, a apaixonada *Leonora*?

— Por causa de Mario, o maior *Marique* de todos os tempos?

— Por causa de Graziani o baritono de timbre privilegiado?

— Seria por causa de Adelaide Borghi-Mamo a unica *Açuzena* verdadeiramente grande que tem havido?

Era por causa de Adelaide Borghi-Mamo.

Açuzena não podia vir cantar com o filho — por que ia ter outro.

Em quanto o publico esperava nos *Italianos*, não muito longe, na rua de Santa Anna, parava, junto da porta n.^o 55, uma carruagem, d'onde saíram dois homens transportando cuidadosamente uma senhora que era Adelaide Borghi-Mamo.

No dia seguinte (14) ás duas horas da tarde nascia, n'essa mesma casa, Herminia Borghi-Mamo.

A Frezzolini, então no apogeu dos seus triumphos, foi a madrinha da recém-nascida.

Para essa creança a arte que devia ser uma herança, foi assim tambem sempre uma verdadeira atmosphera. Nascida quasi no meio das suas manifestações, a sua infancia viu-as sempre em volta, a vibrar fulgurantes. A organização formou-se-lhe d'arte como as plantas se formam de carbonio.

Aos 12 annos, no collegio *Borde* em Milão onde foi educada, Herminia Borghi-Mamo cantava já operas completas. Muitas das suas companheiras ainda hoje se lembram da pequena *Prima-Donna* que, na exuberancia do seu temperamento e da sua alma, era ao mesmo tempo o contralto, o tenor, o baritono, os coros e a orchestra dos dramas que representava vehementemente, cheia de gestos, de instinctivo jogo de physionomia, ás vezes, mesmo, de lagrimas, entre cadeiras e mezas que formavam, ao canto d'uma aula o theatro improvisado.

A musica, o piano, que Herminia Borghi-Mamo toca perfeitamente, o canto, que sua mãe lhe ensinou, faziam parte da sua educação de *Signorina*, mas, na intenção de seus paes, não deviam de modo algum preparal-a como artista. Os triumphos permanentes, e dos maiores dos ultimos 40 annos, que Adelaide Borghi-Mamo encontrara na sua carreira, não lhe tinham podido occultar as amarguras, as incertezas, as intrigas, as luctas inseparaveis da realidade da vida artistica: era de tudo isto que ella queria defender a sua filha.

Herminia porém, com a visão constante e fascinadora da gloria de sua mãe, só sonhava com arte, com a expressão sobre a scena, e diante d'um publico commovido, dos grandes sentimentos e das grandes paixões que vagamente lhe tumultuavam no espirito.

Na casa Borghi-Mamo de Bolonha, deu-se uma noite um pequeno e intimo concerto. Herminia, ou antes, a pequena *Mimi*, com quasi 15 annos de idade, cantou n'elle um duetto da *Maria Padilla* de Donizetti com a Frezzolini e um outro da *Mutide di Sabran* de Rossini com Adelaide Borghi-Mamo: É esta a primeira impressão profunda da sua vida artistica.

Nesse tempo Mimi era apenas uma grande exuberancia, instinctiva, nervosa, apaixonada, mas incoherente, incorrecta, saindo muitas vezes para fóra das regras e das convenções do cantar, e nem sempre chegando ás notas que ambicionava attingir.

Como insistia em entrar para o theatro, a familia resolveu cural-a *da mania* com um remedio heroico: expol-a a um *fiasco* grande e previsto.

Aos 17 annos, no theatro de Nice, Herminia Borghi-Mamo devia enfim ser *fischada* na *Força do Destino* de Verdi. A *Prima-Donna*, nervosa, impaciente, receiosa, febril, que tanto soffre hoje nas vespéras e na noite de cada *primeira representação*, não existia ainda n'esse tempo. Mimi tinha então, pelo contrario, em si propria, a mais absoluta confiança e o mais corajoso sangue frio. Os vestidos melodramaticos, de cauda, que ella devia arrastar sobre a scena, encantaram-na logo antes de entrar em scena e, diante do publico, os seus gestos, os seus passos, as suas *poses*, os jogos de physionomia, succediam-se com uma rapidez que as mais complexas paixões da opera não conseguiam acompanhar.

— Representei bem, não é verdade, mamam? perguntava ella entrando no camarim depois de cada scena.

E Adelaide Borghi-Mamo respondia-lhe com a sua grande experiencia, sorrindo:

— Bem de mais, minha filha, vê se pôdes fazer menos gestos e ser menos dramatica...

Era o grande mundo de sentimentos e de meios de expressão, hoje coordenados na grande cantora, que então irrompiam tumultuosamente na riquíssima organização da creança.

A *Força do Destino*, o *Trovador*, o *Políuto*, o *Fausto* de Gounod foram para Mimi Borghi-Mamo em Nice, outros tantos triumphos. O seu destino estava enfim definido; quem teria força, então, para arrancar aquella creança sublime d'entre os braços luminosos da gloria que ella sentia já apertarem-n'a ardentemente!

Na 2.^a recita do theatro de Nice deu-se o *Trovador*, em que Adelaide Borghi-Mamo, já então retirada da scena, quiz cantar com a filha, no seu glorioso papel de *Açuzena*: Assim foi a sagração da nova cantora.

De Nice passou ao *Pergola* de Florença e a outros theatros de Italia.

Aos 18 annos Herminia Borghi-Mamo resuscitava no theatro *Comunale* de Bolonha o *Mephistopheles* que Boito refizera depois da queda de Milão.

Aos 19 annos, sobre a mesma scena onde quasi nascera, a cantora debutava na *Força do Destino*, que pela primeira vez se cantava em Paris.

De Paris passou ao *Theatro real de Madrid*, depois a Sevilha, n'uma estação de primavera. D'alli veio para Lisboa.

II

Tentarei agora, que é o que mais importa, deixar fixada n'este rapido esboço, a physionomia artistica da cantora e da actriz:

A voz de Herminia Borghi-Mamo é, no seu registro mais essencialmente característico, timbrada como a de um *meio soprano*. Tem porém naturalmente e, sobre tudo, por educação, o desenvolvimento da voz d'um *soprano sfuggato*.

Não é sem duvida essa voz, como não era a da Malibran, um instrumento poderoso, e completo. Não tem em toda a sua extensão muito corpo e, nas notas agudissimas, do registro que já sae das exigencias normaes do seu verdadeiro timbre, a massa do som é, com effeito, muito delgada.

O timbre da voz de Herminia Borghi-Mamo tem porém a suprema qualidade das vozes que hoje só se podem chamar dramaticas: é pessoal, humano, conserva no canto o colorido individual da palavra falada, e assim junta ás phrases da cantora o encanto inteiro das intenções da mulher. Da bocca de muitas cantoras sae ás vezes como que o som de um instrumento bello mas impessoal. A voz de Herminia Borghi-Mamo é, inteiramente, a sua *palavra musical*.

D'esta grande qualidade deriva porém um pequeno defeito: ha notas e palavras em que a voz lhe é um pouco *ciosa*.

A organização especial e complexa do talento artistico de Herminia Borghi-Mamo exige uma anatomia minuciosa.

Os actores podem dividir-se em duas classes: os espontaneos inconscientes e os de talento critico. Ha grandes artistas em ambas, mas as obras de arte são, n'uma e n'outra, formadas por modo diverso.

Herminia-Borghi-Mamo é, principalmente, um grande talento critico. A sua natureza de italiana nervosissima é sem duvida extremamente impressionavel e apaixonada. O mundo é, para ella, formado de commoções, que rapidamente, que espontaneamente, fazem vibrar todas as cordas do seu riquissimo temperamento.

Mas, ao mesmo tempo, o maior sangue frio, o mais racionado calculo, dominando os elementos espontaneos, determina inteiramente a criação dos seus personagens que são, assim, criticamente formados. Não ha n'elles um gesto, um movimento, um passo, um olhar, uma attitud, uma lagrima, que não tenha sido estudada, determinada, marcada com rigor, deduzida racional, sabiamente, do estudo do character da heroína e do drama.

E por isso que, no meio das scenas mais tragicas, e das impressões aparentemente mais desordenadas, Herminia Borghi-Mamo pode falar friamente para os bastidores, ou ensinar ao tenor como deve coadjuval-a na impressão dramatica que ella quer produzir sobre o publico que a julga commovida, entusiasmada, delirando de boa fé.

Esta possibilidade de paixão a *frio* deriva do fundo positivo e sensato que forma a base do character da cantora. As suas creações são scientificas, exactas, discutidas. A attitud, a commoção, o pranto, está de antemão determinado. Ha artistas, sem duvida sublimes, mas que, conversados, ignoram quasi o que fazem: Herminia Borghi-Mamo possui a critica completa das suas magnificas creações.

A galeria d'estas é numerosissima e, todavia, para a realisação de alguns caracteres dos dramas lyricos modernos, o genio da cantora tem verdadeiras repugnancias: assim para os vultos de mulheres indecisas, vagas, mal definidas, como a *Ophelia* do *Hamlet*, a *Elsa* do *Lohengrin*, a *Margarida* de Gounod, especie de visões que passam na vida dentro d'uma nuvem que as não deixa ter completa consciencia, nem da realidade exterior, nem de si proprias.

O espirito de Herminia Borghi-Mamo de um luminoso italiano, de uma nitidez grega ou romana, exige, para que os possa bem comprehender e sentir, os sentimentos fortes, completos, dominantes movendo-se na rectilindade das paixões exclusivas por entre situações violentas e claras.

Junta-se a isto porém, na physionomia artistica de Herminia Borghi-Mamo, uma feição, em parte contraria ao que acabo de analysar, e que é, talvez, a unica força do seu complexo talento de que a grande actriz não tem completa consciencia. Essa feição é, — a *estranheza*, quasi o *phantastico*.

Este lado do espirito humano que na pintura achou symbolos em Miguel Angelo, em Rembrandt, em Goy

em Daubigny, na musica em Beethoven, em Weber, em Chopin, em Schumann, na litteratura em Goethe, em Hoffmann, em Arnim, em Heine, em Nerval, em Poe, em Beaudelaire, em Eça de Queiroz, — essa região, mais profunda que todas as outras, — das nevroses dos homens, mostra-a ás vezes, extraordinariamente, a physionomia, a voz, o gesto de Herminia Borghi-Mamo: Vê-se na sobre-natural loucura da Gretchen do 3.^o acto do *Mephistopheles* de Boito, desde a Nenia, que parece cantada de além da realidade, até ás ultimas phrases recitadas, que parecem ditas de além do tumulo; vê-se em muitas phrases da *Aida* de Verdi, em que se nos revela uma mulher filha d'outra civilização, d'outra raça, d'outras mysteriosas influencias, d'outro mundo differente do nosso, e vê-se n'algumas romanças, que a grande artista canta como, por exemplo, na *Povera Maria*, de Tosti.

Filhas da clareza racionada e critica do seu espirito as creações de Herminia Borghi-Mamo são inteiramente pessoaes e novas.

Na arte de cantar e, sobretudo, na representação, nos gestos, nas attitudes, nos movimentos das mãos, da cabeça ha creada, pela tradição, já agora classica, uma verdadeira rethorica. As cantoras italianas são sem duvida as que mais habitualmente possuem essa colleção de banalidades admittidas.

Herminia Borghi-Mamo não tem como actriz nenhuma convenção de acaso, nenhuma tradição, nenhum figurino, nenhum *cliché* já servido.

III

A galeria extensa dos seus personagens pôde dividir-se, talvez, methodicamente, nos seguintes grupos:

A *Zerlina* de Mozart: a simplicidade, a *paysannerie*, a *coquetterie* nativa, a graça curiosa e desaffecteda; a *Gretchen* do 2.^o acto da opera de Boito, e a singela e inspirada *Alice* de Meyerbeer, representam a parte mais infantil, mais delicada, mais ligeira das suas creações — a cantora é realmente da idade d'estes personagens.

A *Paulina* do *Políuto* de Donizetti, a *Helena* do *Mephistopheles* de Boito, representam a parte anfiga, erudita, mais artificial e mais criticamente determinada do seu character. O papel de *Paulina* é, ao mesmo tempo, para Herminia Borghi-Mamo, o diploma de mestra inexcedivel no *bel canto* italiano.

Mas as figuras apaixonadas e arrebatadoras das duas *Leonoras* (*Trovador* e *Força do Destino*), de *Lucrecia*, de *Valentina* (*Huguenotes*), de *Aida*, de *Selica* (*Africanas*), são as que mais completamente tomam as forças do seu talento e as necessidades apaixonadas do seu character de artista. E n'estas creações que Herminia Borghi-Mamo, superior á sua idade, á tensão normal do seu espirito, muitas vezes superior ao mesmo fundo calculador e critico da sua natureza, chega vellemente ás maiores realisações da commoção e do tragico.

Para se poder bem avaliar a ponderação calculada em que se acham, no espirito da extraordinaria Prima-Donna, todas as suas faculdades excepcionaes, citarei ainda a *D. Anna* do *D. João* de Mozart. Aqui a paixão é filial, intensa mas contida, dolorosa mas grave. Herminia Borghi-Mamo, com a completa posse do valor do seu personagem, realisa, n'esta criação, o dramatico classico por forma que é ella, com certeza, um dos mais bellos trabalhos, na galeria immensa, já hoje, das suas obras acabadas.

Herminia Borghi-Mamo deve cantar, de maio ao outubro de 1881, nos theatros da America do Sul.

A sua vida, opulenta já de grandes creações artisticas, e de ruidosos triumphos, começa porém apenas.

Lisboa só enche ha dois annos o theatro de S. Carlos, — afóra as primeiras representações de operas novas, — quando Herminia Borghi-Mamo canta, aclamando a sempre com o difficil entusiasmo dos seus *diletanti*.

O Occidente colloca hoje o nome da notavel cantora, no livro de ouro das suas mais estimadas celebridades.

CARLOS LOBO.

CONGRESSOS ANTHROPOLOGICO E LITTERARIO

TRABALHOS DOS CONGRESSOS

No dia immediato, 23 de setembro, abriu-se a 3.^a sessão do congresso ás 9 horas da manhã, presidindo o sr. Gabriel de Mortillet.

Logo o sr. Ernesto Chantre, tomou a palavra. Chantre é sub-director do museu de Lyon, e uma das capacidades que ennobreceram o congresso. Varios trabalhos geologicos por elle emprehendedos na bacia de Rhodano, tem sido consignados em diversas obras entre as quaes enumeraremos: *Recherches sur les mastodontes du bassin du Rhone*, Lyon 1879, *Le premier age du fer dans le bassin du Rhone*, Lyon 1880, e de parceria com Alberto Falsan *Monographie geologique des anciens glaciers et du terrain erratique de la partie moyenne du bassin du Rhone*, Lyon 1879-80, 2 vol. com um grande atlas em separado.

Foi dos seus estudos feitos na região citada que extrahiu algumas conclusões com relação aos phenomenos do periodo glacial, aos depositos da fauna e flora quaternaria, e aos restos de industria humana. Uma magnifica carta por elle apresentada, serviu para tornar bem visiveis ao congresso as conclusões do illustre geologo.

Apoiando-se nas observações do sr. Chantre fez o sr. Evans algumas comparações sobre phenomenos identicos observados em Inglaterra, esclarecendo depois algumas duvidas que foram levantadas pelo sr. Mortillet.

O sr. F. A. de Vasconcellos, engenheiro adjunto á secção geologica, apresentou então ao congresso o seu: *Resumo de um estudo feito sobre alguns depositos su-*

perfcias da bacia do Douro. Este trabalho, comquanto não trouxesse elemento algum para a questão que principalmente se pretendia resolver no congresso, é contudo importante. O auctor entre outras chega ás seguintes conclusões: 1.^o que a acção glacial tendo modificado consideravelmente a superficie das rochas até ás praias do mar e provavelmente abaixo d'esse nivel, accumulou sobre ellas alluviões contendo grossos calhaus erraticos e estriados; 2.^o que o homem existiu provavelmente antes que estas alluviões se immobilissem, o que se deduz do facto de se encontrarem entre ellas quartzites que parecem talhadas ou estriadas.

Varios membros do congresso tomaram a palavra sobre o assumpto e conclusões d'esta memoria, prestando a devida homenagem ao grande trabalho do nosso compatriota, de uma analyse tão difficil, mas duvidando em geral que os calhaus que elle apresentou sejam realmente estriados por uma acção glacial, e que as quartzites sejam talhadas, concordando que são precisos novos estudos para resolver a questão.

Em seguida leu o sr. Delgado a sua memoria: *A epoca neolithica na gruta de Peniche*. A importancia d'aquella gruta é elevadissima em consequencia da grande quantidade de restos ajuizes ali encontrados, notando-se principalmente duas grandes accumulações de ossos humanos; um no meio da grande *salla*, mal allumiada, é o principal, o outro no corredor de entrada, mais claro e que dá mais facil sahida ao fumo.

Entre elles apparecem instrumentos de pedra e osso. Quasi todos os ossos estão reduzidos a pequenos fragmentos, apparecendo apenas inteiros tres ou quatro dos ossos compridos; vêem-se muitos raspados interiormente, naturalmente com o fim de se lhes extrahir a medulla, outros tambem o foram exteriormente. Alguns fragmentos mostram ter sido roídos, muitos soffreram a acção do fogo, e ha alguns que apresentam incisões feitas por instrumentos cortantes ou signaes de lascas que foram d'elles separadas. Ha um pequeno fragmento de craneo notavel por apresentar uma pequena cavidade de 0,02 cent. de diametro por 0,05 de profundidade, que poderá indicar o principio de uma operação cirurgica.

O mais extraordinario é não se ter encontrado craneo algum inteiro, nem pedaços sufficientes para reconstruir um só, encontram-se extremidades inferiores de humeros em quantidade quadrupla das superiores, e os demais ossos tibias, radios, cubitos, femures, tarsos, metatarsos, carpos em nada correspondem ao numero de individuos representados pelas maxillas inferiores que é de 140, sendo as maxillas superiores apenas 22. O sr. Delgado supõe que os corpos não entravam inteiros na gruta, mas eram partidos antes de serem para ali conduzidos, o que a aspreza do sitio torna assaz plausivel.

São raros ali os ossos de animaes, e os que se encontram geralmente não são quebrados, sendo em maior numero os dos pequenos ruminantes, apparecendo tambem algumas vertebrae de peixe, ossos de aves e conchas. Duas maxillas de phoca, unicas encontradas nas grutas portuguezas, completam os restos d'este importantissimo deposito prehistorico.

Varias taças de barro, um grande vaso, utensilios de sílex, amphibolite, calcadonia; peças de ornato como um alfinete de osso, contas de collar de osso, calaite e serpentina, e outros objectos formam o inventario industrial d'esta gruta.

O sr. Delgado apoiando-se no facto observado nos ossos humanos d'esta caverna, e na ausencia de restos de peixe, de que apenas se encontraram tres vertebrae, conclui que os que a habitavam eram anthropoplagos.

(Continúa.)

R.

AS NOSSAS GRAVURAS

O SCENARIO DA OPERA MEPHISTOPHELES

De todo o scenario da opera de Boito representada pela primeira vez este anno no theatro de S. Carlos, escolhemos para dar em gravura no nosso periodico o Jardim de Martha e a scena do Sabbat, como duas das melhores amostras do bello trabalho do sr. Luigi Manini, um artista de verdadeiro talento cuja reputação está já hoje solidamente firmada em Lisboa, pelos notaveis trabalhos que tem apresentado tanto em S. Carlos como em D. Maria.

A scena do jardim é uma paisagem formosissima, brilhante de sol e de cor. A scena do Sabbat tem as qualidades oppostas, é uma composição vigorosa de grande effeito phantastico, e ainda assim muito prejudicada pela má disposição da luz.

Ha um verdadeiro e notavel progresso na pintura do distincto scenographo. Os seus trabalhos d'este anno apresentam mais firmeza e mais exactidão nas escalas de intocção e um man-jo mais adequado ás dimensões do theatro. Entretanto para os grandes effeitos da arte scenica moderna não bastam umas vistas bem pintadas, são essenciaes combinações de luz que não ha nos nossos palcos, nem pôde haver enquanto a sua construção antiga não for completamente modificada segundo as exigencias dos novos processos de scenographia.

É para lastimar que trabalhos do merecimento notavel das scenas do sr. Manini sejam prejudicados por uma illuminação insufficiente e por vezes disparatada, e que os scenographos se vejam obrigados a lutar com estes obstaculos materias, a mutilar as suas composições e a carregar com ridiculos de que são aliás inteiramente irresponsaveis.

A caixa do theatro de S. Carlos, coma a de todos os nossos theatros carece de urgente e radical reforma, e sem ella serão sempre prejudicados todos os trabalhos de scenographia embora sejam distinctissimos como são os do sr. Manini no *Mephistopheles*.

REAL THEATRO DE S. CARLOS



MEPHISTOPHELES — O JARDIM DE MARTHA, ACTO 2.º, QUADRO 4.º



MEPHISTOPHELES — O SABBATH, ACTO 2.º, QUADRO 5.º — Scenario de Luigi Manini

ILHA DE S. MIGUEL — PONTA DELGADA

Tão importante, tão bella, tão agradável é esta perola do oceano, quão difficil se torna o descrever-a em poucas palavras. Para fazer conhecidas dos leitores todas as bellezas da cidade de Ponta Delgada, era necessario um longo artigo, e como não dispomos de espaço bastante, resumiremos o que poderemos.

É hoje ponto irrefutavel, que a ilha de S. Miguel, a segunda do Archipelago dos Açores descoberta pelos nossos navegantes, foi achada antes de 1439 e provavelmente em 1432, segundo antigas opiniões. É facto que por carta de 2 de julho de 1439, foi concedida ao infante D. Henrique licença para povoar as sete ilhas dos Açores, onde mandára lançar ovelhas; e tambem, a despeito de opiniões recebidas sem exame, é positivo que o nome de S. Miguel foi dado á ilha pelo infante D. Pedro, irmão d'aquelle, — que lh'a pediu para povoar e cultivar, — por ser S. Miguel o santo da sua particular devoção.

Foram-se fundando as povoações, estando escassa memoria dos seus primordios, com quanto sabemos que já por 1443 e 1447 tinham população laboriosa e de algum desenvolvimento. É porém sabido que pelo principio do seculo XVI já existiam as actualmente conhecidas, sendo a mais importante de todas Villa Franca do Campo, que era a principal alfandega da ilha, a residencia do capitão donatario, e das justicas.

Em 1507 D. Manuel creou villa a povoação de Ponta Delgada; em 1522 succedeu o grande terremoto que sepultou nas ondas, ou debaixo de um monte a maior parte de Villa Franca, pelo que se transferiu a alfandega para Ponta Delgada. Desde então começou esta a prosperar, apesar das representações das vereações de Villa Franca, que durante algum tempo reclamaram contra esta alteração.

Em 1546 por carta régia de 2 de abril foi Ponta Delgada elevada á categoria de cidade. Era então ainda muito limitada a sua população, hoje podemos calculal-a em 18 a 20:000 almas com perto de 4:000 fogos.

Vista de certa distancia, do mar, offerece o aspecto de um vasto e extenso vergel. Uma larga facha de casas, palacios, egrejas engastadas em centenares de jardins, granjas e quintas espalha na alma uma especie de consolo, que faz exclamar ao que a avista: como se estará bem ali!

E contudo o solo treme por vezes, e comquanto o espirito de seus laboriosos habitantes, já afeitos ás commoções da natureza, não pareça muito assustado por isso, os que estão longe, e ali tem parentes, amigos, ali passaram a infancia ou gozaram a mocidade anseiam e soffrem muito n'estes momentos de provação.

A importancia de Ponta Delgada reconhece-se no movimento do seu porto frequentado por mais de quinhentos navios annualmente, e pela sua alfandega cujo rendimento excede a 150 contos de réis.

Um vasto molhe em construção tornará o seu porto, até aqui algum tanto perigoso, um magnifico porto de abrigo, dando á cidade nas carreiras atlanticas um papel importante se se souber aproveitar a sua situação.

A laboriosidade dos seus habitantes e o seu patriotismo são conhecidos. É raro o michaelense que se esquece da patria, embora as circunstancias da ilha o obriguem a emigrar frequentemente.

Publicam-se na ilha entre varios periodicos o *Archivo dos Açores*, vasto repositório de documentos e trabalhos relativos á historia do archipelago, e o *Açoriano Oriental*, o jornal mais antigo que se imprime em terras de Portugal, e cuja existencia que os açorianos devem procurar alimentar.

Ultimamente as atenções publicas do paiz tem-se voltado para aquella joia do oceano, em consequencia dos terremotos que destruíram parte da villa da *Povoação*, e causaram prejuizos em *Villa Franca do Campo*, na *Ribeira Quente* e outros pontos, fazendo desabar o monte do Fojo, que ia obstruindo quasi o formoso *Valle das Furnas*, sentindo-se varios abalos na cidade de *Ponta Delgada*.

A continuação dos tremores fez recear alguma erupção vulcanica, recio que se julga dissipado, principalmente com a derivação que parece ter-se operado na ilha *Ischia*.

A formosa cidade continua pois a ostentar a sua fronte ridente sobre a vasta solidão do oceano.

MEDALHA COMMEMORATIVA DO TRICENTENARIO DE CAMÕES

A medalha de que publicamos a gravura na pagina 72, foi executada pelo distincto gravador de cunhos o sr. José Arnaldo Nogueira Mollarinho, da cidade do Porto, por occasião das festas do tri-centenario de Camões, em 10 de junho do anno passado.

Esta medalha, dedicada á imprensa, é uma das melhores concepções do sr. Mollarinho, artista muito reputado pelos seus trabalhos.

A medalha tem na face o busto de Camões, lendo-se em volta *Braço ás armas feito, mente ás musas dada*, e no reverso a figura allegorica de Portugal e da Fama apregoando ao mundo aquelle incompleto verso dos *Lusíadas*, *Semais mundo houvera lá chegára*, tendo em volta da circumferencia a data dos festejos do tricentenario de Camões.

Por termos tido só agora conhecimento d'esta medalha, não a publicamos nos numeros do OCCIDENTE que trataram dos festejos do tricentenario de Camões.¹

O GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA

NO

RIO DE JANEIRO

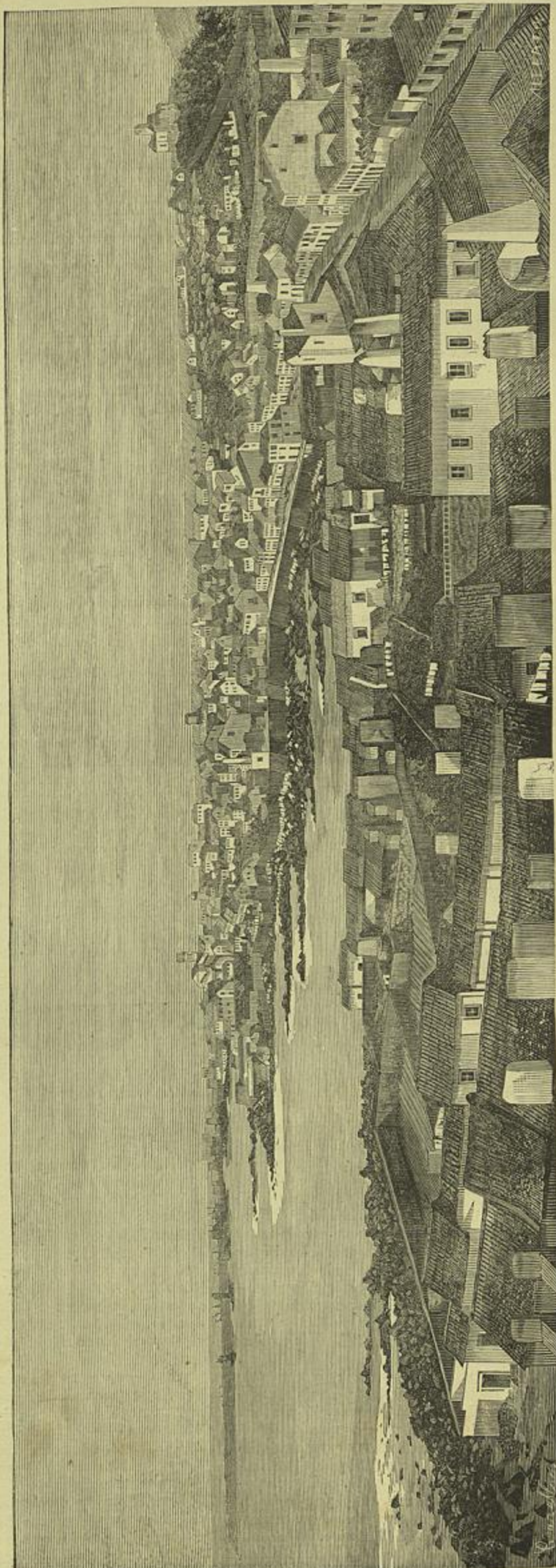
E O

TRI-CENTENARIO DE CAMÕES

(Continuado do n.º 80)

«Parece que os maiores esforços para esta reunião foram devidos ao dr. José Marcellino da Rocha Cabral e a Francisco Eduardo Alves Vianna, estabelecido com casa de commercio á rua da Ouvidor. O primeiro era um advogado illustrado e habil, que emigrára para o Brazil em 1828, por motivo de suas adiantadas idéas, e que prestou aqui relevantes serviços á educação politica e ao jornalismo. Mais tarde uma assembléa geral resolveu que os nomes d'estes dois fundadores fossem gravados em uma lamina de bronze, no recinto do *Gabinete*. Não se realisou esta manifestação honrosa, porque Vianna, de índole um pouco excessiva, rompeu com os directores, e expoz á venda a sua acção na loja de que era dono.

¹ Vid. OCCIDENTE supplemento ao n.º 59 e n.ºs 60, 61 e supplemento, 62, 63, e 65 vol. III.



ILHA DE S. MIGUEL — VISTA GERAL DE PONTA DELGADA. TIRADA DA PENITENCIARIA (Segundo uma photographia de Itapaco)

«É a sorte de todos os iniciadores apresentar pretensões inacceitáveis, e muitas vezes tornarem-se victimas de sua idéa, por excessivo zelo.

«Cumpre aqui collocar em mais elevada memoria o vulto do dr. José Marcellino da Rocha Cabral, o fundador intellectual do *Gabinete*, e uma das mais dignas illustrações da emigração. Fugitivo do reino após a usurpação de D. Miguel de Bragança, peregrinou por alheias terras, e veiu afinal abordar ao Rio de Janeiro em 1828, quando D. Pedro I era a esperanza dos liberaes portuguezes. Já n'esta côrte achou Antonio José Coelho Lousada, Alberto Antonio de Moraes Carvalho, Caetano Alberto Soares e outros advogados portuguezes de boa nomeada que o haviam precedido na emigração.

«Passou-se á provincia do Rio Grande do Sul, sendo encarregado pelo governo imperial da estatística d'aquelle territorio, missão que enctou bem, mas não terminou por motivo da anarchia politica que pouco depois appareceu. Em 1832 alli fundou o *Propagador da Industria Rio Grandense*, periodico que capitaneava as mais adeantadas idéas de progresso, ao passo que defendia os interesses portuguezes. Surprehendido em seus pacificos trabalhos pela revolução republicana da provincia, em setembro de 1833, teve que abandonar a obra principiada e retirar-se para o Rio de Janeiro em 1836.

«Ahi o esperava um empreendimento mais arduo, por vezes tentado, para dar mais incremento e elasticidade ao espirito publico da capital do imperio, e até agora quasi sempre terminado em naufragio. De todas as folhas diarias da côrte, a que creou vitalidade propria e duradoura foi o *Jornal do Commercio*, iniciado por Plancher e continuado por Ville-neuve. Limitando a sua esphera á publicidade commercial, não se envolvendo na lucta dos partidos, conseguiu circulação desproporcionada para o gosto da epoca. Pareceu aos espiritos mais adeantados que esta limitação de horizontes no principal órgão jornalístico acanhava o espirito publico e impedia a vida regular do jornalismo util e independente. Uma pleiade de jornaes brazileiros, educados nas idéas democraticas da França, a cuja frente estava Francisco de Salles Torres Homem, uniram-se ás pessoas mais illustradas da emigração, representadas pelo dr. Rocha Cabral, e fundaram o *Despertador*, folha diaria de esplendida redacção, que por um momento abalou a gigantesca força do *Jornal do Commercio*.

«As lutas da maioridade em que o *Despertador* se envolveu, a precose actividade de alguns empregados do *Jornal* que mais tarde se distinguiram na administração, e a falta de tino dirigente, deram em terra, no fim de 1841, com aquella brilhante e esperançosa folha. Cabral perdeu na empreza toda a sua fortuna particular e os auxilios de seus amigos, e teve de retirar-se para a cidade da Diamantina, em Minas, onde advogou até 1849.

«Antes porém de retirar-se prestára este honrado patriota mais um serviço á colonia portugueza do Rio de Janeiro, lançando na sessão da assembléa geral do *Gabinete*, de janeiro de 1840, as bases da Sociedade Portugueza de Beneficencia. A commissão nomeada n'esta occasião conseguiu elaborar os estatutos e levar a instituição a effeito na reunião de 17 de maio do mesmo anno, nas salas do Consulado Portuguez. Da força de vontade de Cabral provém portanto mais essa gloriosa instituição da colonia portugueza.

«Tendo conseguido de uma filha que professasse no convento das Ursulinas, em Braga, d'ali lhe veiu a cessão da herança com que remiu suas dividas, por intermedio do seu dedicado amigo Henrique Pereira Leite Bastos, e pôde voltar de frente erguida para a côrte. Ahi não o esperavam a fortuna nem a gratidão da geração moderna. Novas difficuldades e desgostos lhe amarguraram a vida, até que, atacado de febre amarella em principios de 1850, veiu a morrer quasi sem soccorro, em um casbre, proximo ao Jardim Botânico.

«Fique ao menos este protesto contra a desventura e ingratitude, na pagina obscura d'este

esboço; e na frente do edificio historico do *Gabinete*, levanta-se este vulto cercado pela mais patriótica e sublime abnegação.

«Apesar de todas as contrariedades da epoca e dos infortunios de seus fundadores, o *Gabinete*, instituiu-se e teve a sua primeira casa á rua de S. Pedro n.º 83, proximo á igreja d'aquella invocação. Por esse tempo era facil a aquisição de codices importantes e raros, e exactamente foi no periodo da primeira gestação entre 1837 e 1850 que adquiriu grande parte das edições classicas, obras illustradas importantes, e exemplares dos melhores trabalhos latinos dos primeiros seculos da imprensa, primando nas aquisições dos seculos XVI até o XVIII. Assim elevou a sua bibliotheca em 1860 até perto de 3:000 volumes e o concurso de accionistas a mais de mil.

«Da modesta casa da rua de S. Pedro passou em 1842 para a rua da Quitanda n.º 33, onde estivera a typographia do *Despertador*, e mais tarde se estabeleceu o *Correio Mercantil*. Ahi recebeu valioso impulso de Antonio Ferreira Sobral, negociante estabelecido á rua dos Pescadores, e que na qualidade de agente muito contribuiu para o melhoramento de sua renda. A mocidade começou a dar-se ao estudo das letras, e já era honra no commercio pertencer-se ao *Gabinete*, do qual não se podia ser socio sem abonar-se qualidades distinctas e honradas.

«O espaço já era pequeno para os livros adquiridos, e ali principiou sua trabalhosa carreira o futuro guarda João d'Oliveira, que, quasi privado da vista, ainda é hoje a memoria viva d'aquella epoca de fé e dedicação. Em consequencia d'esta difficuldade de espaço, mudou-se a bibliotheca em abril de 1850 para a casa da rua dos Benedictinos n.º 12, em que ainda agora se conserva.

«Desde 1837 até 1843 houve no *Gabinete*, além do guarda, cargo de bibliothecario, que foi occupado por alguns homens de distincção. O primeiro foi o dr. José de Almeida e Silva, habil medico, que introduziu no Brasil a homeopatia, e foi o precursor de Gama e Castro, e de Mure. Era homem de dotes litterarios, mas, occupado em materias mais lucrativas, pouco tempo exerceu o cargo, que não era remunerado. Succedeu-lhe Tiburcio Antonio Craiveiro, lente do collegio de Pedro II desde a fundação, e que reunia a notavel saber e talento character muito distincto. Entretanto não curou muito do cargo que exercia no *Gabinete*, e este foi um pouco prejudicado pela incuria dos subalternos que o administravam. O cirurgião João Bernardo de Almeida, que em seguida occupou o lugar, era mais cuidadoso do regimen economico do estabelecimento, mas pouco curára da bibliotheca, que n'este periodo soffreu desvios e perdas. Os inconvenientes da delegação não retribuida do mister de bibliothecario fizeram extinguir o lugar e passar as attribuições á directoria.

«No importante cargo de director (presidente) de 1837 a 1860, succederam-se: 1.º, o dr. José Marcellino da Rocha Cabral; 2.º dr. Alberto Antonio de Moraes Carvalho; 3.º João Henrique Ulrich; 4.º dr. Adolpho Manoel Victorio da Costa; e 5.º, dr. José Pedro da Silva Camacho. Todos estes illustrados portuguezes foram homens dedicados e trabalhadores, e prestaram relevantes serviços, notando-se entre elles o dr. Victorio Costa, a quem se deve a compra da primeira edição dos *Lusiadas*, por 164\$000, e outras aquisições importantes. O dr. Camacho contribuiu para a confeção do primeiro catalogo do *Gabinete*, obra de grande trabalho e de minuciosa exactidão bibliographica, e mereceu sempre grande conceito como theologo e philosopho, sendo lente do seminario episcopal de S. José e principal acessor do sabio bispo D. Manoel do Monte Rodrigues.

«Em janeiro de 1840 principiára a tomar parte nos trabalhos do *Gabinete* um homem diligente, honesto e avisado, que muito devia contribuir para o seu rapido desenvolvimento. Henrique Pereira Leite Bastos, filho da cidade do Porto, esteve no Rio Grande do Sul desde 1828 até 1837, em que veiu residir no Rio de

Janeiro. Afeiçãoado ao dr. Rocha Cabral, foi socio desde a installação do *Gabinete*, mas não se dedicou a trabalhos activos senão em 1840. Desde então interveiu na reforma dos estatutos, acabando com a parte regimental e contribuindo para a criação do conselho deliberativo a quem deve tantos serviços e subsidios a instituição. Leite Bastos foi um athleta n'esta pacifica arena, pela infatigabilidade no trabalho, na defesa da instituição, e um seu incançavel sustentaculo. De 1842 a 1860, foi elle o bibliothecario verdadeiro, activando as aquisições, promovendo e trabalhando na confeção do catalogo, e debellando as difficuldades que se oppunham ao andamento da instituição.

(Continua)

G. L.

NOTAS SOLTAS

FR. FRANCISCO DE JESUS CHRISTO

(Conclusão)

Prestadas as honras funebres ao amigo que tantos serviços lhe havia feito continuou a residir em Milão. Ahi estando no mosteiro de Nossa Senhora da Fontana, veiu ter um frade hespanhol Fr. Pedro de Vargas, que trazia por companheiro outro da provincia de Portugal, Fr. Antonio Baptista, e como aquelle era vigario geral da congregação de S. Paulo, primeiro eremita, aconselhou-o a tomar o habito e a entrar no dito instituto, para o que lhe deu uma licença escripta.

Ahi ainda alcançou que lançassem o habito a seu companheiro.

Partiu depois para Padua afim de confirmar a sua licença pelo geral e na cidade de Placencia mandou tingir o habito que trazia, para preto, e sem outra solemnidade o vestiu no mosteiro de S. Lourenço e fez que o lançassem a um seu criado sob o nome de Fr. Alexandre.

Voltou a Padua, d'onde partiu para Portugal. Aqui, segundo já dissemos, não tendo sido favorecido como esperava, pela falta da confirmação das reliquias, demorou-se pouco tempo.

Tornou á Italia, e todo o tempo que por lá andou esteve excommungado pelas reliquias que trouxera de Milão.

Mas quando sahiu de Portugal foi por Hespanha, e na côrte de Castella, tendo tido meio de fallar a D. Leonor Manoel, portugueza, casada com o mestre de Monteza, obteve por intercessão d'esta nobre dama tres cartas da princeza D. Joanna: uma para o papa, outra para o embaixador hespanhol em Roma, o doutor Vargas, e outra para a duqueza de Florença, levando tambem outras da mulher de Lourenço Pires Tavora, embaixador de Portugal, para seu marido.

Munido d'estas proteções foi a Milão pedir uma nova certidão das reliquias, por estar um pouco estragada a primeira.

Obtida ella foi-se a Roma e durante muito tempo lhe custou a obter a absolvição e a confirmação das reliquias, porque o confessor do papa Fr. Francisco de Niça, frade do mosteiro de Milão, lhe movia grandes obstaculos a esta sua pretensão; mas depois de muitos pedidos conveiu no que elle pedia, cedendo-lhe porém para isso Francisco de Jesus Christo parte das reliquias que tinha.

No entanto este obtivera outras de varios mosteiros de freiras, e os empenhos e, naturalmente, as suas costumadas larguezas, lhe fizeram remover todas as difficuldades, e conseguir não só todos os documentos e breves de confirmação das reliquias, mas até uma bulla concedendo indulgencias á casa onde as reliquias fossem depositadas. Fr. Francisco de Jesus Christo, fazendo-se sempre ora aparentado com as casas principaes de Portugal, como já vimos, ora com as de Hespanha do duque d'Alva, marquês de Pescara etc., de todos obtinha protecção e auxilio.

Discorrendo ainda por varias partes da Italia chegou em março de 1562, ao mosteiro de Santo Agostinho de Genova, onde foi recebido, e agasalhado, e se demorou dois a tres mezes. Achava-se então ahi estudando um joven ita-

liano, natural de Spezzia onde vestira o habito sendo menino, e que tendo passado o seu noviciado em Napoles, fora fazer profissão a Roma nas mãos de mestre Giraldo Perusino, prior do mosteiro da sua ordem. Tinha tomado as ordens menores em Napoles, e todas as mais até a de missa, no mosteiro de Santo Agostinho da cidade de Fermo na Marca d'Ancona. Era este Fr. Basilio.

Travando relações com Frei Francisco de Jesus Christo, foi por elle excitado a vir a Portugal, prometendo-lhe grande futuro, em vista das relações de familia que dizia ter, e dos poderes que tinha para fundar casa religiosa, e auxilios pecuniarios para esse fim da infanta D. Maria e outras grandes personagens.

N'esta cidade e convento o veiu encontrar Frei Antonio da Graça, a quem elle disse que era filho de um vice rei que morrera na India, e cuja fortuna liquidara na cidade de Elvas.

Ahi foi recebido um dia com grandes honras pelo embaixador hespanhol, a casa de quem foi acompanhado por quatro frades, que dizia serem seus companheiros e o iam ajudar na edificação do mosteiro, etc. O embaixador alem da grande recepção que lhe fez, mandou-lhe um grande regalo de dinheiro, e obteve-lhe concessão das galés do Estado para seu transporte.

D'alli partiu por mar com Fr. Basilio, vindo arribar a Marselha, seguindo para Rosas, onde desembarcou, e continuando por Hespanha, chegou a Portugal onde se passou, o que já referimos.

Depois de recolhido no convento da Graça, havendo suspeitas sobre a verdade da ordenação de Fr. Francisco, foi nomeado um jury composto dos commissarios mencionados no principio d'esta relação.

Os commissarios, que já particularmente sabiam a verdade, a primeira cousa que fizeram depois de encetar o auto, a 9 de janeiro de 1663, na cella de Fr. Luiz de Montoia, vigario geral, foi mandar vir á sua presença Fr. Francisco de Jesus Christo e apresentar as reliquias que trazia, que constavam do seguinte:

Um cofre de tartaruga com fechos de prata contendo dez particulas do santo lenho, e outras mais miudas; um espinho da coroa de Christo; dois cabellos de Nossa Senhora, e uma redoma de vidro com *trez pelouros do leite de Nossa Senhora colhido*, um mais pequeno que os outros dois; alguns ossos dos martyres innocentes, dois pedaços dos ossos do Apostolo S. Bernabé, uma aresta do titulo da cruz, trez particulas da columna em que Christo foi acontado, cinco ou seis particulas dos ossos de S. Christovão martyr, outras das cabeças de S. Gervasio e Protasio, de S. Sebastião e Fabião, da pelle de S. Lourenço e dos carvões em que foi queimado, e da terra do lugar onde foi *assado*; uma particula do queijo de S. João Baptista; um pedaço do pau onde dormia santo Alexandre, martyr; particulas de ossos de santa Maria Magdalena, de S. Philippe, martyr, de S. Braz, bispo e martyr, dos Apostolos S. Philippe e S. Thiago, do braço de S. Marcellino, martyr, e um dente d'elle, e de outros santos e santas, e uma bolsa de tafetá azul com varias terras e pedras de reliquias da terra santa de Jerusalem etc.

Em seguida tomaram tambem conta dos breves, certidões, Bullas e mais documentos relativos ás reliquias, e logo Fr. Francisco de Jesus Christo, estando em sua liberdade disse que *de sua propria e espontanea vontade, sem medo nem temor de pessoa alguma, nem induzimento*, por serviço de Deus e salvação de sua alma fazia perpetua doação das ditas reliquias ao convento da Graça de Lisboa com os poderes e privilegios concedidos nas Bullas Apostolicas.

No dia 11 começou o inquerito que se concluiu no dia 21 e dada a sentença foi publicada a 5 de fevereiro, e fr. Francisco de Jesus Christo, transformado em Francisco de Abreu ou de Leão, sahia do convento da Graça, como dissemos no principio d'esta narrativa, deixando no mosteiro o fructo de muitos annos de envidados.

Em casa da mãe, onde fôra direito mal sahio do convento, passou essa noite, para no dia

seguinte se ausentar da patria com prohibição de a ella voltar.

Se nos perguntarem que fim teve este aventureiro não o saberemos dizer e agradeceremos muito a quem tiver pachorra de o descobrir. Mas quem quizer ver o processo mais por miudo pode procural-o na *Torre do Tombo* salla M, ms. 673.

JACINTHO PERES.

APONTAMENTOS PARA A VIDA DO DIABO

Foram seus paes . . nada; não vae bem: o plural compromette. Ponhamos o caso no singular.

Foi seu pae... co'a breca! o pae d'elle foi elle! mas se vou a dizer isto assim descarnadamente, se o vou dizer seja a quem fôr, ao mesmo Deus, ou ao proprio diabo, desata cada um para o seu lado apertando as ilhargas com riso da boa asneira! Asneira que parece, que decerto hade parecer a toda a gente, mas que não é; palavra d'honra; ou por outra: talvez seja, é com certeza, mas só no modo de dizer. Esse, realmente não se percebe; digo, percebe-se muito bem a possibilidade de ser pae, creio eu, mas onde foi que se viu nascer alguém... Ah! *nascer!* aqui é que estava o enredo, d'aqui sahia a trapalhada toda. O diabo não nasceu; appareceu, fez-se, existiu. Foi um anjo que a si proprio se virou do avesso.

Esta origem estrambotica explica perfeitamente a dupla natureza do monstro, o singular contraste de qualidades, que se dá n'esse rei e n'esse burro do inferno. E' perverso e faz o bem; arrasta milhões d'almas para o supplicio eterno, e edifica a cathedral de Colonia; rebella-se contra Deus e obedece humildemente a qualquer donato franciscano; faz donzella, expressamente para deixar de o ser; veste-se de ermitão para mau fim; desbarata exercitos, e é corrido a pontapés; abomina a cruz e ajuda á missa; profundamente sabio, e desesperadamente bruto, embaça os theologos padres-mestres, e leva codilho bravio de simples sachristães.

Tudo isto, que é deveras extraordinario, explica-se perfeitamente, como disse, pela origem do monstro, segundo a refere a tradição, confirmada, não só pela historia escripta, mas tambem pelos monumentos figurados. Toda a gente sabe quanto a sciencia moderna se tem aproveitado do estudo d'estes, para da fabula tirar a verdade; para tornar luminosa a nevoa das legendas. Imitemos o exemplo: asentemo-nos commodamente no telonio da sciencia, pouco mais ou menos como o vilão em casa de seu sogro, e ouçamos o depoimento das venerandas testemunhas. Salta monumentos archeologicos.

Ignoro se existirá no museu do Carmo, mas affirmo ter visto em algumas casas particulares, e em muitas boticas, um grupo, que se não é rigorosamente mythico, pode com segurança accommodar-se na classe dos symbolicos. Ou *vice-versa*, que tanto faz: creio eu. E creio igualmente, que não ha mais damnada tentação do que é querer figurar de sabio, sem o ser: ás duas por trez enrodilha-se um homem em asneiras, e cae aqui, cae acolá, serve de risota ao povinho. E ainda a maior desgraça é que a vaidade entonteece o desgraçado, a ponto de lhe tirar a consciencia do seu ridiculo. Elle, o sabio assobiado, é como o bebado: perseguido pelas arrelias dos gaiatos, corre atraz d'elles, faz-lhes caras, atira-lhes pedras, descompõe-os, foge-lhes, volta a cair-lhes em cima e a fugir-lhes, tudo isto sem a mais vaga percepção da triste figura que está fazendo, sem vêr, que quanto maior importancia dêr ás fumaças do seu vinho, quanto mais quizer defender a dignidade d'ellas, das fumaças, mais serve de divertimento ao publico, mais convida os tranzeuntes a parar para o desfrutarem, mais afasta a possibilidade de alguma vez o tomarem a serio, mesmo quando esteja livre da bebedeira. Evitemos, pois, tão funesto vicio, carissimos irmãos e evitemos igualmente as predicas, que são sempre massadoras, e quasi sempre pedantes.

Reatemos o fio do assumpto. O grupo a que me queria referir, é com que desastradamente pretendia fazer ostentações scientificas, é simplesmente o de S. Miguel com o diabo aos pés. Não ha ninguem que o não tenha visto, ninguem que ignore a lenda a que elle anda ligado.

Ainda antes de crear o homem, creou Deus os espiritos angelicos; um d'elles teve o soberbo pensamento de querer egualar o eterno; foi punido com a immortalidade do desespero, sendo precipitado das alturas da gloria nas profundezas do inferno, juntamente com toda a cohorte d'anjos, de que elle era chefe. Tres dias choveram demonios, até que Deus disse *basta*; os que n'esse momento ainda iam pelo ar, no ar ficaram, e são os que andam constantemente expiando quanto fazemos, para nos accusarem no dia de juizo, e os que a todo o instante nos tentam para o peccado, affim de opportunamente catrafilarem a nossa alma.

Eis muito em resumo a lenda. De que tempos será ella? Em que epocha se formaria a concepção de um principio do mal, não só distincto do principio do bem, mas ainda sujeito a elle, sem que todavia essa sujeição obste a que exerça um poder extraordinario no mundo moral e no mundo physico?

A queda do homem acha-se descripta no Genesis, e é um dogma, tanto de catholicismo, como de protestantismo ortodoxo; mas a queda do anjo rebelde, nem o velho testamento a menciona, nem é ponto de fé para nenhuma das egrejas christãs. Alem do que, é ainda para notar, que o nome de Satanaz, pouco frequente nos livros do velho testamento, só apparece nos de composição menos antiga, como os dos reis, Paralipomenos, Job e Zacharias.¹

Como se vê, será difficil encontrar no livro sagrado dos Hebreus a decifração do enigma.

O estudo critico das religiões comparadas começou em nossos dias; não admira, portanto, que seja ainda limitadissimo o numero dos factos por elle adquiridos definitivamente para a sciencia; um d'esses poucos, porem, é a existencia do principio dualista em todas as religiões, sendo todavia diferente a sua concepção, segundo o estado de desenvolvimento d'ellas. Parece que primitivamente o genio ou espirito do mal, como o do bem, são independentes; ambos tem igual poder, cada um na sua esphera de acção: ambos são deuses. Diz-se que nas religiões dos povos primitivos o terror tem mais influencia na piedade do que a veneração e o amor, e cita-se, como prova, a seguinte oração de um adorador de Nyang e Zambor; este que faz as boas coisas, aquelle as más. Ouçamos a prece do piedoso devoto.

•Ó Zambor! nós não te dirigimos supplicas. — Ao Deus bom não é preciso orar. — Deveremos resar a Nyang. — É necessario aquietar Nyang. — Nyang, mao e poderoso espirito — não faças estalar o trovão sobre nossas cabeças. — Dize ao mar que pare na praia. — Poupa, Nyang, os fructos que amadurecem — Não seques o arroz em flor. — Não faças que as mulheres deem á luz em dias aziaes, — Bem o sabes, tu reinas já sobre os maos. — Não atormentes os bons.»²

Ahi vae uma observação que me accudiu ao espirito quando transcrevia esta resa tão devota, e que provavelmente terá tambem occorrido a muitos leitores. — «Sabe-a toda o tal selvagensinho! sabe-a toda, sim senhor! Com o seu cocar de pennas e a sua tanga, não fica a dever nada, não que mesmo nada, aos mais espertos que por ahi andam de sobrecazaca e chapéu fino de pelucia! De quem é bom e honesto não se faz caso, porque se tem a certeza de que não fará mal; não nos incommodará nunca; todos os miminhos e gai-finas devem ser para os maos, porque esses podem-nos chegar á pavana. Olé.»

DELFIN D'ALMEIDA.

¹ Reis. L. 2.º c. 19, v. 22. L. 3.º c. 5, v. 4. Par. L. 1.º c. 21, v. 1. Job. c. 1.º, v. 6, 9, 12. c. 2.º, v. 1, 2, 3, 4, 6 e 7. Zach. c. 3.º, v. 1 e 2.
² Revilla, Hist. do Diabo. Rev. dos Dois-Mundos de 1 de janeiro de 1870, pag. 103.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

MANOMETRO ELECTRICO POR EMILIO DIAS

Muitos são os serviços que a electricidade tem prestado ás sciencias, ás artes e ás indústrias; numerosissimas as suas applicações; muitas, coroadas de feliz exito; outras, revelando grande engenho de seus inventores, mas não dando as vantagens que promettiam; se porém tem sido muitos e importantes os melhoramentos que em variadissimos ramos da actividade social se tem introduzido depois das grandes descobertas de Galvani e Volta no acabar do seculo passado e despontar do actual, muitos mais de certo ha ainda a esperar dos progressos da sciencia da electricidade, em cujos factos aos nomes d'aquelles celebres engenheiros tem vindo juntar-se tantos outros, Oersted, Faraday, Ruhmkorff, Breguet, Siemens, Bell, Edison, etc.

Occorrem-nos estas reflexões a proposito de um instrumento, denominado manometro electrico, imaginado pelo sr. Emilio Dias, habil artista e ajudante do engenheiro da companhia lisbonense de illuminação a gaz e que tem por fim regular, de um modo exacto, a pressão ou rareficação que é preciso manter nosapparelhos de fabricação do gaz extrahido do carvão de pedra, avisando automaticamente, por meio da electricidade, quando a pressão excede ou baixa além dos limites que não deve ultrapassar para o bom andamento da fabricação.

O carvão de pedra aquecido ou distillado em vasos ou retortas fechadas desenvolve uma grande quantidade de productos gazosos, muitos dos quaes se condensam pelo esfriamento, ficando nas retortas como residuo o coque; dos productos que se conservam no estado de gaz, alguns são nocivos ao poder illuminante da chamma, quando se pretendem applicar á illuminação, e além d'isso são insalubres, taes são o gaz sulphydrico, o acido carbonico etc.

Torna-se portanto necessario purificar os gazes provenientes da distillação do carvão de pedra, despojando-os de todos os productos que os acompanham, e que são prejudiciaes ao seu poder illuminante e á salubridade publica; para isso os gazes que saem das retortas passam através de varios depuradores physicos e chimicos, antes de entrarem nos gazometros; primeiro os gazes passam por um barrilete contendo agua onde fica o alcatrão, depois passam por grossos tubos de ferro verticaes, á que chamam tubos de orgão, e que apresentando grande superficie de esfriamento determinam a condensação de varios productos; em seguida atravessa a massa gazosa columnas de coque que recebem uma corrente d'agua, e finalmente os gazes atravessam caixas contendo cal hydratada, oxydo de ferro etc. e vão entrar no gazometro. Para a massa gazosa atravessar tantos apparelhos é preciso ou que tenha grande tensão dentro das retortas ou que se aspire ou rarefice o ar nos canaes de comunicação dos apparelhos, para facilitar o movimento dos gazes. Para evitar os inconvenientes das grandes pressões nas retortas, o que originaria grandes perdas e fugas de gaz pelas juntas dos canaes por onde tem de passar, empregam-se aspiradores movidos por machinas de vapor, que produzem uma certa rareficação nos apparelhos, rareficação que não deve, porém, passar de certo limite, para regularidade das operações; para manter a aspiração no gráo devido regula-se a velocidade das machinas aspiradoras, segundo as indicações de um manometro collocado na passagem do barrilete para os grandes tubos de condensação.

O manometro que para este fim dispoz o sr. Emilio Dias acha-se representado na figura junta: consta de dois tubos A, B de vidro fechados superiormente contendo agua, os quaes se comunicam pelo canal inferior c; o tubo A comunica com a atmosphera pelo orificio O; o tubo B comunica pela parte superior com o canal horizontal d que se abre em um tubo metallico vertical C que passa entre os tubos de vidro, e que é munido de torneira t e comunica com o encanamento dos apparelhos da fabricação do gaz, entre o barrilete e os grossos tubos de condensação; sobre o tubo C está uma escala graduada em centimetros e millimetros cujo zero está a meio; é n'este ponto que deve ficar o nível da agua nos dois ramos de vidro quando não funcionam os apparelhos. Sobre a agua nos dois tubos de vidro ha dois fluctuadores, tambem de vidro, a, b, tendo cada um na parte superior uma lamina curva metallica l, l. Em cada um dos ramos A, B ha na parte superior uma haste, H, H' que se pôde mover verticalmente, e que passa por um orificio da virola metallica superior do tubo, e que tem dentro dois fios de cobre isolados um do outro em comunicação com uma pilha e uma campainha electrica; o circuito, porém, só se fecha, quando os extremos p, n dos fios encostarem á lamina l; quando isto succeder toca a campainha electrica; a haste H comunica com uma campainha em que está escripto *mais depressa*; e a haste H' com outra em que se acha indicado *mais devagar*.

O gaz de illuminação que passa nos apparelhos sóbe pelo tubo C e actua sobre a agua no ramo B; se ha rareficação, como deve haver, porque para isso se empregam os aspiradores, o nível da agua será mais elevado em B do que em A onde actua a pressão atmospherica. Se a rareficação fór demasiadamente pronunciada, sóbe o

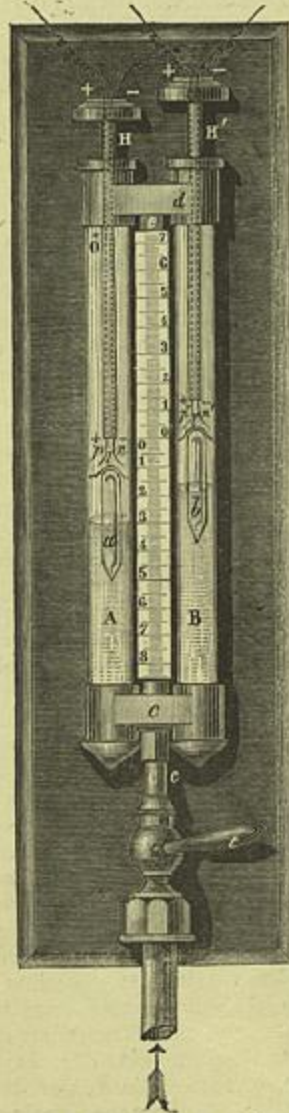
nível em B, descendo em A, o fluctuador b sóbe, a sua lamina l toca nos fios p', n', fecha o circuito da campainha respectiva, que logo tocará avisando que é preciso que as machinas de aspiração andem mais devagar; se pelo contrario a rareficação é fraca de mais do que é preciso, a agua desce em B e sóbe em A, o fluctuador a sóbe, a sua lamina l toca nos fios p, n, fecha o circuito da respectiva campainha que immediatamente tocará avisando que os aspiradores devem marchar mais depressa. O gráo de rareficação desejado regula-se movendo



MEDALHA COMMEMORATIVA DO TRI-CENTENARIO DE CAMOES — Gravada por Mollarinho

convenientemente as hastes H, H' de modo que a da direita fique mais elevada que a da esquerda, quanto se pretender que a pressão nos apparelhos seja inferior á pressão atmospherica; é sempre uma pequena differença, apenas alguns centimetros d'agua.

Tal é a disposição simples e bem combinada do manometro electrico do sr. Emilio Dias, que é de tanta utilidade para a boa marcha das operações na distillação do carvão de pedra, como se tem observado na fabrica da companhia do gaz de Lisboa, aonde está prestando



MANOMETRO ELECTRICO DE EMILIO DIAS

importantes serviços, e que pôde ser com vantagem utilizado sempre que seja preciso avisar, automaticamente, de certos augmentos ou diminuições de pressão, em trabalhos sobre fluidos, em que se exija que a tensão não exceda nunca certos limites.

F. BENEVIDES.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS, **Geographia Geral, Descrição das Raças, Religiões, Governos e Estados do Globo, illustrada com um mappamundi.** — Editor David Corazzi, Lisboa, Rua da Atalaya, 40. É este o segundo livro da serie de pequenos volumes de 64 paginas, que o sr. David Corazzi se propoz publicar pelo diminuto preço de 50 réis. Este livrinho tão completo, quanto o pôde ser em 64 paginas, dá, sobre a sciencia geographica, noções muito desenvolvidas.

Este genero de publicações accessiveis a todas as intellegencias o a todas as bolças, constitue nos paizes mais civilizados, um grande elemento de instrução e educação do povo.

A HERANÇA TRAGICA, primeiro romance da collecção Lubin & C.^a Constant Gueroult, traduzido por Cunha e Sá — Edição da Empreza Horas Romanticas, Rua da Atalaya 40, Lisboa. 8.º, 420 pag. e 6 gravuras illustrativas desenhadas por M. de Macedo e gravadas por Alberto

e Severini. Este livro, que é o primeiro de uma serie de romances publicados sob o titulo Lubin & C.^a, reúne todas as condições exigidas n'um bom romance, e sabendo-se que é editado pela Empreza Horas Romanticas é o que basta para garantir a boa escolha que esta casa editora costuma fazer dos livros que dá á estampa.

A QUESTÃO DO TRANSVAAL, Documentos colligidos, traduzidos e communicados á sociedade de Geographia de Lisboa em 24 de Fevereiro de 1881, por Augusto de Castilho etc. Folheto de 70 pag. em que o seu autor reúne documentos muito importantes a respeito das questões entre os inglezes e boers sobre a independência do Transvaal.

OS LUSIADAS, fasciculo 14.º, edição de Emilio Biel, Porto. Este fasciculo comprehende da estancia XXIV até a LXXI do canto VI e insere um magnifico frontespicio do IV canto em cromolytographia.

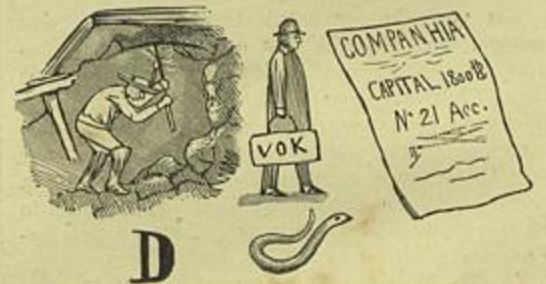
ALMANACH COMMERCIAL DE LISBOA, PARA 1881. por Carlos Augusto da Silva Campos, etc. Primeiro anno — Lisboa, typ. Universal. 8.º de 540 pag. Está publicado este interessante almanach, um dos mais completos que tem visto a luz em Portugal. Além do calendario e mais tabellas proprias d'estes livros, tem tres secções muito desenvolvidas de commercio e industria, de serviço official e tabellas de selo e de associações, collegios, jornaes e profissões scientificas.

Em vista d'este summario poder-se-ha fazer idéa da importancia e utilidade d'este livro, indispensavel em todos os escriptorios e gabinetes particulares, porque poupa muito trabalho de indagação e perda de tempo, pela diminuta quantia de 500 réis que é o seu custo.

COIMBRA MEDICA, Director Dr. Augusto Rocha. — Editor José Diogo Pires, Coimbra. N.º 6, 15 de Março de 1881, 16 pag. folio. Insero artigos sobre medicina firmados pelos srs. Adriano Xavier Lopes Vieira, A. M. Henriques da Silva, F. A. Rodrigues Gusmão etc.

O PANTHEON, revista quinzenal de sciencias e letras, Porto, 1881, fasciculo 7.º de 15 de fevereiro. Continua mantendo os seus creditos por artigos interessantes e muito curiosos.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente: A união do reino se desfaz por muitos modos.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1881, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA 6, Rua do Thesouro Velho, 6